

O Fantasma de
Canterville
Oscar Wilde

Agrupamento de Escolas de Rio de Mouro
Biblioteca

Título: O Fantasma de
Canterville

Autor: Oscar Wilde

Edição: Agrupamento de Escolas
de Rio de Mouro

Coleção: Clássicos da Literatura

Adaptação, paginação e projeto
gráfico: Carlos Pinheiro

Capa: Carlos Pinheiro

1.^a edição: outubro de 2013

Ilustrações: Wallace Goldsmith
(da edição de 1906, em inglês,
disponível em Project Gutenberg)

ISBN: 978-989-8671-54-7

Edição segundo as regras do
Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990.

Quando Mister Hiram B. Otis, o diplomata americano, comprou o castelo de Canterville, toda a gente lhe assegurou que cometia uma loucura, porque a propriedade era reconhecidamente uma casa assombrada. Na verdade, o próprio Lord Canterville, pessoa deveras escrupulosa, sentira-se na obrigação de assinalar o facto, chegado o momento de discutirem as condições do negócio.

— Nós mesmos tínhamos já muito pouca vontade de residir aqui — dissera Lord Canterville — desde que a minha tia-avó, a duquesa de Bolton, apanhou um susto de que nunca mais conseguiu restabelecer-se, quando as mãos de um esqueleto lhe assentaram nos ombros, numa ocasião em que se vestia para o jantar. Devo igualmente dizer-lhe, Mr. Otis, que o fantasma tem sido visto por muitos outros membros da minha família, assim como pelo cura da paróquia, o reverendo Augustus

Dampier, que é diplomado por Cambridge. Depois do desgraçado acidente com a duquesa, nenhum dos nossos criados quis manter-se ao serviço, e Lady Canterville raramente conseguia conciliar o sono durante a noite por causa dos misteriosos ruídos vindos do corredor e da biblioteca.

—Lord Canterville — respondeu o embaixador — compro o castelo com todo o seu recheio, o fantasma incluído. Venho de um país moderno em que tudo se pode

comprar. Os meus diligentes compatriotas têm levado para a minha terra tudo o que há no Velho Mundo. Não lhes arrebatam já as melhores atrizes e prima-donas? Se existisse um fantasma na Europa, estou convicto de que dentro em pouco o teríamos lá, onde seria exposto num dos nossos museus ou exibido nas ruas.

— Pois receio que o fantasma, de facto, exista — disse, sorrindo, Lord Canterville. — Pode ser que tenha resistido às propostas tentadoras dos

empresários americanos. É bem conhecido desde há três séculos, precisamente a partir do ano de 1584, e nunca deixa de fazer a sua aparição nas vésperas do falecimento de cada pessoa da nossa família.

— Oh! Em todas as famílias o médico faz exatamente o mesmo, Lord Canterville. Eu, contudo, não acredito em fantasmas. Não creio que as leis da natureza abram uma exceção para a aristocracia inglesa.

— Os senhores, na América, são,

sem dúvida, muito naturais — comentou Lord Canterville, sem compreender a última observação de Mr. Otis — e, se lhe é indiferente ter um fantasma portas adentro, eu por mim não digo mais nada.

Passadas umas semanas, a transação conclui-se, e, já quase ao findar da época, o embaixador e a família foram instalar-se no castelo de Canterville. Mrs. Otis, em solteira Miss Lucrécia R. Tappan, da rua West 53, tinha sido célebre em Nova Iorque pela sua beleza. Era

agora uma bonita mulher de meia-idade, com belos olhos e um magnífico perfil. Muitas damas americanas, ao abandonarem o país natal, aparentam sofrer de um mal incurável, imaginando ser essa uma das formas da subtileza europeia; mas Mrs. Otis não caíra em semelhante erro. Gozava de uma admirável compleição e possuía um maravilhoso equilíbrio emocional. Na verdade, e sob inúmeros aspetos, era muito inglesa e oferecia excelente exemplo de que a

Inglaterra e a América nada têm hoje que as distinga uma da outra, salvo, é claro, o idioma.

O filho mais velho, a quem, num impulso de patriotismo que ele jamais deixara de lamentar, os pais haviam posto o nome de Washington, era um rapaz de cabelos louros e muito bem-parecido; parecia inteiramente dotado para entrar na diplomacia, pois vencera os alemães, três estações a fio, no casino de Newport. A reputação de exímio dançarino

que havia conquistado precedera mesmo a sua chegada a Londres. As flores na lapela eram as suas únicas fraquezas de espírito; à parte isso, mostrava ser bastante sensato.



Miss Virginia E. Otis era uma rapariguinha de quinze anos, graciosa e ágil como uma corça recém-nascida e cujos olhos rasgados e azuis refletiam uma bela franqueza. Era uma admirável amazona. Certo dia, batera em corrida o velho Lord Bilton, dando duas voltas no parque em cima do seu potro e ganhando por comprimento e meio, precisamente em frente da estátua de Aquiles, isto

para grande enlevo do jovem duque de Cheshire. O duque nesse mesmo instante tinha-lhe pedido a mão, o que lhe valeu ser nessa mesma tarde remetido para o colégio pelos seus tutores, regressando a Eton em lágrimas. A seguir a Virginia, contavam-se os gémeos, meninos adoráveis e, juntamente com o digno diplomata, os únicos verdadeiros republicanos da família.



Como o castelo de Canterville se

encontra a sete milhas de Ascot, a estação ferroviária mais próxima, Mr. Otis telegrafara no sentido de irem buscá-los de carruagem; e, cheios de alegria, puseram-se todos a caminho.

Era uma linda tarde de julho, em que o aroma dos pinheiros perfumava o ar. De vez em quando, ouvia-se um pombo-bravo arrulhar docemente, ou vislumbrava-se, escondida entre as ramagens, a brilhante plumagem de um faisão. À sua passagem, pequenos esquilos,

emopleirados nas faias, ficavam a olhá-los, e, alçando a sua cauda branca, os coelhos fugiam ligeiros pela mata ou por cima dos valados cobertos de musgo.

Porém, no momento em que se embrenharam na alameda do castelo de Canterville, o céu cobriu-se subitamente de nuvens, uma calma estranha pareceu envolver a atmosfera, um bando de gralhas passou silenciosamente por cima deles e, antes que houvessem atingido a casa, começaram a cair

grossas gotas de chuva.

Uma mulher já idosa acolheu-os no alto das escadas. A maneira como se apresentava era irrepreensível. Envergava um vestido de seda preta, avental branco e touca da mesma cor. Era Mrs. Umney, a governanta. Mrs. Otis, a pedido de Lady Canterville, consentira em conservá-la ao seu serviço. Quando desceram da carruagem, ela fez a cada um dos seus novos patrões uma rasgada vénia e disse, com desusada solenidade:

— Desejo-lhes as boas-vindas ao castelo de Canterville.

Seguiram-na e, depois de terem atravessado um belo átrio no estilo Tudor, entraram na biblioteca, sala de grande extensão, de teto baixo e ao fundo da qual se rasgava uma ampla janela com vitrais. Fora aí que se preparara o chá, e, após terem-se despojado das vestes de viagem, sentaram-se e puseram-se a olhar em volta, enquanto Mrs. Umney os servia.

De súbito, Mrs Otis descobriu no

soalho, perto do fogão, uma mancha de tom vermelho-escuro, e, longe de suspeitar do que aquilo significava, disse a Mrs. Umney:

— Creio que entornaram ali alguma coisa.

— Sim, minha senhora — respondeu em voz baixa a governanta —, é sangue.

— Mas é horrível! — exclamou Mrs. Otis. — Não quero semelhante coisa na minha sala. É necessário limpar isso imediatamente!

A velhota sorriu e informou, na

mesma voz baixa e misteriosa:

— É o sangue de Lady Eleanor de Canterville, assassinada precisamente neste local pelo marido, Sir Simon de Canterville, em 1575. Sir Simon sobreviveu-lhe nove anos e desapareceu de súbito, em circunstâncias estranhas. O corpo dele nunca foi encontrado, mas o seu espírito ainda vagueia por esta casa. A mancha de sangue provocou sempre o pasmo dos visitantes e dos turistas. De resto, é impossível de apagar.

— É absurdo! — exclamou
Washington Otis.— O Pinkerton, o
rei dos sabões para tirar nódoas, fá-
lo-á desaparecer num abrir e fechar
de olhos.



E antes que a governanta, apavorada, pudesse intervir, Washington, pondo-se de joelhos,

esfregava vigorosamente com um pauzinho semelhante a um cosmético negro. Ao fim de alguns instantes, a mancha desaparecera completamente.

— Eu sabia que o Pinkerton nunca falha! — exclamou o rapaz, lançando um olhar sobre a família, toda ela em atitude admirativa.

Mas, mal acabara de pronunciar estas palavras, um terrível relâmpago iluminou por inteiro o sombrio compartimento e um estrondoso ribombo de trovão fê-los

erguer-se bruscamente, ao mesmo tempo que Mrs. Umney perdia os sentidos.

— Que monstruoso clima! — proferiu com serenidade o embaixador americano, acendendo um charuto. — Este antigo país é, suponho, tão excessivamente povoado que não há bom tempo que chegue para todos os seus habitantes. Foi sempre opinião minha que a emigração era a única solução para a Inglaterra.

— Meu querido Hiram — gritou

Mrs. Otis —, que faremos com uma mulher que perde assim os sentidos? Suspende-lhe-emos o pagamento, quando tal ocorrer, de tal forma que acabará por renunciar aos desmaios.

Mrs. Umney recuperou os sentidos em poucos instantes, mas estava deveras transtornada. Com ar grave, preveniu Mrs. Otis de que não tardariam a registrar-se acontecimentos perturbadores.

— Tenho visto com os meus próprios olhos — asseverou ela — coisas de pôr os cabelos em pé, e

noite após noite não tenho podido pregar olho, por causa das coisas terríveis que se passam aqui.

Mr. Otis e sua esposa asseguraram à boa mulher que não tinham medo de fantasmas. Avelha governanta, depois de ter invocado as bênçãos da Providência para os seus novos patrões, preparando-os assim para uma solicitação de aumento de salário, despediu-se e foi para o quarto.

Naquela noite, a tempestade rabateu-se com violência, mas nada de especial aconteceu. Todavia, na manhã seguinte, ao descer para o pequeno-almoço, os Otis verificaram que a horrível mancha de sangue reaparecera no soalho.

— Seguramente, a culpa não é do sabão para tirar nódoas — disse Washington —, pois sempre o usei com êxito. Isto deve ser o fantasma.

E o rapaz conseguiu fazer desaparecer a mancha pela segunda

vez; no dia seguinte, porém, ela estava de novo visível. No outro dia a seguir, a mancha lá se via, embora a biblioteca tivesse sido, na véspera à noite, fechada por Mr. Otis em pessoa, que levara a chave para o seu quarto.

O interesse de toda a família encontrava-se agora desperto. Mr. Otis começou a suspeitar de que havia sido excessivamente dogmático ao negar a existência de fantasmas. Mrs. Otis exprimiu o propósito de pedir a sua inscrição na

Sociedade Espírita, e Washington enviou uma extensa carta aos senhores Myers e Podmore, acerca da «persistência das manchas de sangue após o crime».

Nessa noite, todas as dúvidas a respeito da existência objetiva dos espectros se dissiparam para sempre. O dia tinha estado quente e ensolarado, e quando a proximidade da noite trouxe alguma frescura, a família inteira partiu para um passeio de carruagem. Não regressaram senão

às nove horas e fizeram em seguida uma ligeira refeição. De modo algum, a conversa incluiu a menor alusão a fantasmas, de maneira que não se poderiam pôr em causa essas preliminares condições de expectativa e auto-sugestão que tantas vezes precedem a aparição dos fenómenos psíquicos. Como Mr. Otis me contou mais tarde, a discussão versou os assuntos triviais que constituem a conversação dos americanos cultos da melhor sociedade: a superioridade imensa

de Miss Fanny Davenport, como atriz, sobre Sarah Bernhardt; a dificuldade de obter milho verde, pão de trigo mouro, mesmo nos melhores estabelecimentos ingleses; a importância de Boston no desenvolvimento do espírito universal; as vantagens do sistema de registo de bagagens; a suavidade da pronúncia das palavras em uso em Nova Iorque comparada com a pronúncia arrastada de Londres. Nenhuma menção às coisas sobrenaturais. Nenhuma alusão a

Sir Simon de Canterville.

Dadas as onze horas, a família recolheu-se e, às onze e meia, todas as luzes estavam apagadas. Decorrido algum tempo, Mr. Otis foi despertado por um ruído singular que vinha do corredor, perto do seu quarto. Dir-se-ia um tinido de algo que se entrechocava, e o ruído parecia cada vez mais próximo. Levantou-se

imediatamente, acendeu um fósforo e viu o relógio. Era uma hora em ponto. Muito calmo, Mr. Otis tateou

o pulso. Não se tratava de febre. O ruído estranho continuava e, dentro em pouco, Mr. Otis ouviu distintamente passos. Enfiou os chinelos, tirou do seu estojo de toalete uma pequena garrafinha e abriu a porta.

Diante de si, à pálida claridade do luar, viu um horrível ancião. Os seus olhos, que se assemelhavam a carvões em brasa, lançavam clarões vermelhos. Cos Cabelos compridos de cor cinza caíam-lhe sobre os ombros em madeixas emaranhadas.

A roupa que vestia, de corte antigo, estava cheia de nódoas e em farrapos. Pesados grilhões, cheios de ferrugem, pendiam-lhe dos pulsos e dos tornozelos.



— Meu caro senhor — disse Mr. Otis —, perdoe-me importuná-lo, mas é absolutamente necessário que unte esses grilhões. Pensando em si, trouxe este frascozinho de lubrificante. Dizem que é muito eficaz logo da primeira vez que se aplica. No prospecto junto, achará muitos atestados dos mais eminentes sábios do país. Vou deixar aqui o frasco, junto dos candelabros, e sentir-me-ei deveras feliz em arranjar-lhe outro, se o senhor precisar.

Ao dizer isto, o embaixador colocou o frasco sobre o tampo de mármore de uma mesa e, fechando a porta, voltou a meter-se na cama.

O fantasma de Canterville ficou uns instantes imóvel, cheio de uma indignação bem natural; depois, arremessando violentamente o frasco ao soalho encerado, sumiu-se no corredor soltando grunhidos cavernosos e projetando terrificantes clarões verdes ao redor. Porém, ao atingir o alto da grande escadaria de carvalho, abriu-se

bruscamente uma porta, apareceram dois pequenos vultos vestidos de branco, e um rotundo travesseiro passou-lhe, zumbindo, rente à cabeça! Decididamente, não havia tempo a perder e, adotando como rápido meio de salvação a quarta dimensão do espaço, esvaiu-se através do revestimento de madeira das paredes, após o que a habitação recuperou a sua calma.

Tendo alcançado um quatinho secreto situado na ala esquerda do edifício, sentou-se, para retomar

fôlego, e pôs-se a refletir no que lhe acabara de suceder. Em toda a sua carreira de trezentos anos, brilhante e ininterrupta, nunca tinha sido insultado tão grosseiramente. Recordou o estado de terror em que lançara a duquesa, quando ela se contemplava ao espelho, enfeitada de diamantes e rendas; as quatro criadas que haviam tido uma crise de nervos muito simplesmente porque ele, rindo com escárnio, as espreitava através dos cortinados de um dos quartos de hóspedes; o cura

da paróquia, cuja vela apagara com um sopro quando ele saía uma noite da biblioteca, onde se demorara um pouco mais, e que depois, vítima de um esgotamento nervoso, fora tratado por Sir William Guil; a velha senhora de Tremouillac, a qual tendo acordado de manhã muito cedo e visto um esqueleto sentado numa poltrona, junto do fogão, imerso na leitura do seu diário íntimo, foi obrigada a ficar de cama durante seis semanas, presa de uma febre cerebral. A duquesa, logo

que se vira curada, reconciliara-se com a Igreja, quebrando todas as relações com o Senhor Voltaire, esse céptico notório. O fantasma lembrou-se também da terrível noite em que esse patife do Lord Carterville foi encontrado no seu quarto de vestir meio sufocado, com o valete de ouros enfiado na garganta; precisamente antes de morrer, confessara ter feito batota no jogo por meio dessa carta e roubado de Charles James Fox, na casa dos Crockfords, cinquenta mil

libras esterlinas. O fantasma, jurava ele, obrigara-o a engolir a carta. O fantasma de Canterville revia, em pensamento, as suas mais belas façanhas. Evocou o caso do mordomo que, na copa, se suicidara com um tiro de revólver por ter visto uma mão verde bater nos vidros; depois, o da bela Lady Stutfield, que se obrigou a trazer sempre em volta do pescoço uma fita de veludo negro, para ocultar a marca que cinco dedos de fogo haviam imprimido na sua pele branca de

leite, e que acabara por se afogar no lago das carpas, no fim da alameda do rei. Com o egoísmo entusiástico do verdadeiro artista, o fantasma passou em revista as suas realizações mais famosas. E com um sorriso cheio de azedume, recordou-se da sua última aparição como Ruben, o *Vermelho*, ou o Bebé Estrangulado, da sua estreia no papel de Gibeon, o Vampiro de Moor, e da agitação que provocara, numa encantadora tarde de junho, jogando muito simplesmente bolingue com as suas

próprias ossadas, em cima da relva do campo de ténis. E, ao cabo de todos estes grandiosos feitos, eis que uns miseráveis americanos modernos lhe vinham oferecer lubrificante e arremessar-lhe travesseiros à cabeça! Era verdadeiramente intolerável. Nunca fantasma algum fora tratado daquela maneira. Decidiu, pois, vingar-se; e, até romper a aurora, permaneceu em atitude de profunda meditação.

III

Na manhã seguinte, durante o pequeno-almoço, o fantasma foi objeto de prolongada discussão. O embaixador estava, como é natural, um pouco aborrecido por ver que a sua dádiva não tinha sido aceite.

— De forma alguma eu tive a intenção de dirigir ao fantasma uma injúria pessoal e, sendo certo que ele reside na casa há tanto tempo, vocês devem confessar que é muito pouco delicado atirar-lhe travesseiros à

cabeça...

Lamento ter de declarar que, perante esta justa advertência, os gémeos desataram às gargalhadas.

— Por outro lado — prosseguiu o diplomata —, se ele se recusa, teimosamente, a empregar o lubrificante, teremos de confiscar-lhe os grilhões. É impossível dormir com um barulho assim no corredor!

Mas, durante todo o resto da semana, o fantasma não os incomodou absolutamente nada. A única coisa a excitar a atenção era o

reaparecimento contínuo da mancha de sangue no soalho da biblioteca. E essa era uma estranha coisa, porque Mr. Otis fechava a porta a chave todas as tardes e mandava cerrar bem as janelas.

O facto de a mancha mudar tantas vezes de tom, como um camaleão, provocava igualmente inúmeros comentários. Em determinadas manhãs, ela aparecia de um vermelho-escuro, quase um vermelho-indiano; no dia seguinte, era um rubro retinto; no outro dia,

era um violeta sumptuoso; e até uma vez quando os Otis desceram para as orações familiares, conforme os ritos cheios de simplicidade da Igreja Livre Americana Reformada e Episcopal, verificaram que a mancha era de um verde-esmeralda resplandecente.

Bem entendido, estas mutações caleidoscópicas divertiam muito a família; e, todas as noites, estabeleciam-se apostas a seu respeito. A única pessoa que não tomava parte na brincadeira era a

pequena Virginia, que, por qualquer razão ignorada, parecia sempre consternada ao ver a mancha de sangue e esteve perto de desatar a chorar na manhã em que a nódoa apareceu no tom verde-esmeralda.

A segunda aparição do fantasma ocorreu no domingo à noite. Pouco tempo depois de se terem metido na cama, foram de súbito alarmados por um medonho estrondo vindo do vestíbulo. Descendo precipitadamente a escada,

verificaram que uma grande e antiga armadura, despregada da sua base, fora projetada para o lajedo, enquanto o fantasma de Canterville, sentado numa cadeira de alto espaldar e com uma expressão de angústia, esfregava os joelhos. Os gémeos, que se haviam munido das suas zarabatanas, descarregaram imediatamente dois pequenos projéteis sobre o fantasma, com essa precisão de pontaria que só longos e sérios exercícios, tendo por mestre um

professor exímio, podem dar, enquanto o embaixador americano, mantendo-o sob a ameaça do seu revólver, o intimava, segundo a etiqueta californiana, a que pusesse as mãos ao alto.



O fantasma levantou-se bruscamente, com um medonho grito de raiva, e deslizou por entre eles todos tal qual um nevoeiro, apagando na sua passagem a vela de Washington Otis e deixando-os na completa escuridão. Ao alcançar o cimo da escadaria, o fantasma recobrou ânimo e decidiu fazer soar o famoso carrilhão de risos demoníacos, cuja utilidade mais de uma vez havia experimentado. Contava-se que aquilo fizera

embranquecer, num instante, os cabelos de Lord Racker, e levará a que se despedissem três governantas de Lady Canterville antes de completarem um mês.

Começou pois a dar uma gargalhada do género horrível, esperando que a abóboda respondesse com o mais pavoroso dos ecos, mas a custo se ouviu tanto uma coisa como outra; nesse momento abriu-se uma porta e Mrs. Otis surgiu, vestida de roupão azul.

— Desconfio que não está bom de

saúde— observou ela —, de maneira que lhe trago este remédio infalível do Dr. Dobell; se é coisa de estômago, não deixe de o tomar.

Ao escutar semelhante conselho, o fantasma olhou espantado para a dona da casa e tratou logo de se preparar para uma metamorfose em canzarrão preto, transformação em que costumava ser perito e à qual o médico dos Cantervilles atribuía a idiotia crónica de que sofrera o notabilíssimo Thomas Horton, tio do último castelão. O som, porém,

de passos que se aproximavam fê-lo hesitar nessa deliberação, de forma que se contentou em fazer-se fosforescente, desvanecendo-se de todo (com um gemido surdo) à chegada intempestiva dos dois gémeos.

Ao entrar no seu quarto, o fantasma sentia-se verdadeiramente desanimado. A vulgaridade dos dois garotos, o irritante materialismo de Mrs. Otis, eram coisas deveras aborrecidas; mas o que o entristecia mais era saber que já não conseguia

aguentar a armadura. Depositara tanta esperança no seu plano de estarrecer os americanos com a aparição do Espectro Cavaleiro! Além disso, a armadura era dele próprio e usara-a com grande êxito em alguns torneios, entre aplausos dos assistentes. Mas, agora, ao meter-se dentro dela, não pudera suportar o peso e caíra redondamente no chão, magoando seriamente os joelhos e contundindo os dedos da mão direita.

Durante alguns dias andou

adoentado e mal saía do quarto, exceto de madrugada, quando ia reavivar a nódoa de sangue da biblioteca. Todavia, com o recato que se impôs, conseguiu melhorar e resolveu tentar novo ataque de terror contra o diplomata e a sua família. Escolheu para isso uma sexta-feira, 17 de agosto, e gastou um dia inteiro a selecionar indumentária; decidiu-se finalmente por um amplo lençol franzido no pescoço e nos punhos, chapéu desabado com pluma

vermelha, e espadalhão, por sinal ferrugento. Ao cair da noite, desabou um violento temporal, e a chuva e o vento eram tão fortes que as janelas e as portas estremeciam. Era precisamente o gênero de tempo que lhe convinha. O projeto consistia no seguinte: iria muito sossegado até ao quarto de Washington Otis: ali, puxaria os pés do rapaz e depois, correndo para a cabeceira da cama, espetaria três vezes a espada na sua própria garganta, ao som de uma música

especial. Considerava Washington bastante antipático, pois sabia que era ele quem esfregava o soalho da biblioteca no sítio da nódoa, com o tal sabão Pinkerton. Uma vez posto fora de combate, por meio dessa exibição terrificante, o primogénito dos irmãos Otis, o fantasma correria aos aposentos do diplomata e da sua esposa e ali pousaria, na testa da referida senhora, uma das suas mãos geladas e viscosas, ao mesmo que apuparia aos ouvidos do marido. Quanto à pequena Virginia, o

espectro não tinha planeado nada. A rapariga nunca o havia ofendido, e além disso era bonita e bondosa. Dois ou três lamentos murmurados dentro do guarda-vestidos seriam mais do que suficientes, pensava ele; se, porém, ela não acordasse desse modo, então poderia apalpá-la através da colcha. Mas, com relação aos gémeos, Sir Simon pretendia dar-lhes uma verdadeira lição. Primeiro, haveria desentar-se sobre o peito deles, de maneira a produzir a sufocante sensação do pesadelo;

depois, como as suas camas estavam muito juntas, surgiria no meio sob a forma de um cadáver verde e gelado, até que os irmãos ficassem paralisados de medo; por último, despojando-se do lençol, arrastar-se-ia em volta de todo o aposento com a sua ossada embranquecida, fazendo ao mesmo tempo girar as meninas dos olhos, numa imitação do Bailado Macabro, papel no qual produzira grande efeito em muitas ocasiões.

Às dez e meia, ouviu a família ir-

se deitar. Durante algum tempo, chegaram-lhe aos ouvidos as sonoras risadas dos gémeos, os quais, com a descuidada alegria das crianças, certamente se divertiam antes de se enfiarem na cama. Mas às onze horas e um quarto tudo estava sossegado e, ao soar a meia-noite, partiu para a sua expedição. O mocho vinha roçar as asas nos vidros das janelas, o corvo crocitava no cimo do velho telhado e o vento vagueava em volta da casa, gemendo como alma penada. Mas a família Otis dormia,

inconsciente do seu destino, e o cadenciado ressonar do embaixador cobria o ruído do temporal. O fantasma esgueirou-se para fora da madeira das paredes sem dar sinal de si. Sobre a sua boca murcha e cruel desenhava-se um aflitivo sorriso, e a Lua escondeu-se por detrás de uma nuvem quando ele passou junto da grande janela ogival, ornada de um brasão azul e ouro, que representava as suas próprias armas e as da sua esposa assassinada. Deslizava como uma

sombra funesta, e até as trevas pareciam odiá-lo. De súbito, supôs ouvir alguém a chamá-lo. Deteve-se; mas apenas o latido de um cão se ouvia à distância. Prosseguiu caminho, resmungando pragas do século XVI e brandindo de quando em vez a espada cheia de ferrugem. O fantasma atingiu, por fim, a esquina do corredor que conduzia ao quarto do pobre Washington. Parou um instante. O vento sacudia-lhe as madeixas compridas e de cor cinza e fazia ondular, de maneira

grotesca e fantástica, o lençol que o cobria. O quadro inspirava indizível horror. O relógio bateu então o quarto de hora. Compreendeu que tinha chegado o momento. Soltou, baixinho, uma risadinha de escárnio e avançou. Mas, mal tinha dado um passo, logo recuou com um lamentoso gemido de terror e logo também ocultou nas suas mãos ossudas a face macilenta.



Diante de si, erguia-se um espectro assustador, tão imóvel como uma figura de pedra, tão monstruoso como o sonho de um louco. Tinha a cabeça calva e lúida, a face redonda, gorda e branca. Um riso ignóbil parecia ter-lhe contorcido as feições num esgar eterno e pavoroso. Dos olhos, saíam clarões escarlates. A boca era um largo poço de fogo e uma horrenda vestimenta, semelhante à sua, envolvia de longas pregas brancas o vulto titânico. Um letreiro,

contendo uma inscrição em caracteres estranhos e antigos, ornava-lhe o peito: sem dúvida, um certificado de infâmia, a narrativa de medonhas faltas, uma lista de crimes espantosos. Com a mão direita, brandia um gládio de aço luzidio.

Nunca tendo visto, até à data, fantasma algum, sentiu naturalmente um grande pavor. Lançou rapidamente outro olhar ao terrível espectro e desatou a fugir para o quarto, tropeçando, ao seguir

pelo corredor, no longo lençol que trazia. Por último, deixou cair a espada enferrujada dentro das grossas botas do embaixador, onde o mordomo foi encontrá-la na manhã seguinte. Uma vez no refúgio da sua alcova, atirou-se para cima da estreita cama de lona e enterrou o rosto nos lençóis. Porém, transcorrido um pedaço de tempo, a antiga coragem dos Cantervilles recuperou os seus direitos. Decidiu ir falar com o outro fantasma logo que nascesse o dia. E mal a aurora

prateou as colinas, voltou ao local onde havia, pela primeira vez, lançado os olhos sobre o formidável espectro, raciocinando que, no fim de contas, dois fantasmas valiam mais do que um e que, com a ajuda do seu novo colega, talvez vencesse melhor os gémeos. Mas quando ali chegou, no mesmo lugar, um horrível espetáculo feriu os seus olhos. Era de todo evidente que acontecera qualquer coisa ao fantasma, porque a luz lhe desaparecera completamente das

órbitas, o gládio luzidio escorregara-lhe da mão e o corpo encostava-se à parede numa atitude deveras incómoda. Precipitou-se para ele e tornou-o nos braços. Mas, com assombro seu, a cabeça do outro rolou para o chão; o corpo foi-se abaixo e ele percebeu que estreitava apenas um cortinado de cama, de fustão branco, ao mesmo tempo que uma vassoura, um machado de cozinha e um nabo oco lhe jaziam aos pés. Incapaz de compreender esta curiosa transformação, pegou o

letreiro com pressa febril e, à luz pálida da aurora, leu estas palavras abomináveis:

O FANTASMA OTIS
O ÚNICO E ORIGINAL
DESCONFIEM DAS
IMITAÇÕES

Como num relâmpago, compreendeu tudo. Tinham-lhe pregado uma partida! A característica expressão dos Cantervilles perpassou-lhe nos olhos; cerrou as maxilas sem dentes e, levantando muito alto, acima da

cabeça, as mãos descarnadas, jurou, segundo a fraseologia pitoresca da escola antiga, que, quando se ouvisse mais duas vezes o alegre apelo do galo, dar-se-iam ali acontecimentos sangrentos e a morte deslizaria por aqueles lugares em silenciosos passos.

Mal formulara este temível juramento, subiu, à distância, de uma quinta coberta de telhas vermelhas, a voz de um galo. O fantasma soltou um prolongado e amargo riso e aguardou. Esperou

mais de uma hora, mas, por qualquer razão estranha, o galo não repetiu o canto. Por fim, às sete horas e meia, a chegada dos criados obrigou-o a abandonar o seu horrível posto de sentinela. Regressou ao quarto a passos lentos, a meditar na sua vã esperança e no seu abortado plano. Consultou, então, muitas obras a que dedicava particular apreço e que tratavam dos antigos tempos da cavalaria. Aí verificou que, em todas as vezes que tal juramento havia sido formulado,

sempre o galo cantara a segunda vez.

— Diabos levem aquele maldito galináceo! — resmungou ele. — Ali! Pena não me encontrar no tempo em que, com minha intrépida lança, lhe trespassaria a garganta e em que o teria obrigado a cantar só para mim até perder o fôlego!

Depois, estendeu-se num confortável caixão de chumbo, onde permaneceu até ser outra vez de noite.

No dia seguinte, o fantasma estava muito fraco e cansado. Começava a ressentir-se dos efeitos da medonha agitação das últimas semanas. Estava com os nervos abalados; até o menor ruído o sobressaltava. Não saiu do quarto durante cinco dias e decidiu por fim renunciar à nódoa de sangue no chão da biblioteca. Se a família Otis não queria aquilo, estava claro, sem sombra de dúvida, que não era digna do caso. Com plena evidência, essas

peças viviam num plano de existência de baixo materialismo e eram em absoluto incapazes de apreciar o valor simbólico dos fenômenos sobrenaturais. O assunto das aparições espectrais e o desenvolvimento dos corpos astrais eram, bem entendido, coisas diferentes e alheias à atenção dessa gente. Ele, fantasma, tinha como missão, missão solene, aparecer no corredor uma vez por semana e ulular através de um janelão em ogiva na primeira e na terceira

quartas-feiras do mês e não via maneira de poder subtrair-se honrosamente às suas ocupações. A sua vida, é certo, fora culposa; mas, por outro lado, ele era rigidamente escrupuloso em tudo quanto se relacionava com o sobrenatural. Três sábados a fio, o fantasma atravessou, portanto, o corredor como de costume, entre a meia-noite e as três horas da manhã, tomando mil precauções para não ser visto nem ouvido. Descalçava os sapatos, pisava tão levemente quanto

possível as tábuas do soalho roídas pelo caruncho, enrolava-se no manto de veludo negro e com grilhões previamente untados de óleo. Não foi sem dificuldade que veio a adotar este derradeiro meio de proteção; mas, constrangido a isso, uma noite em que a família se encontrava jantar, introduziu-se nos aposentos de Mr. Otis e lançou mão do respectivo frasco. Ao fazê-lo, experimentou, a princípio, um pouco de humilhação, mas logo adquiriu inteligência bastante para

se inteirar de que a invenção estava longe de ser má e de que, até certo ponto, lhe favorecia os planos. Apesar de tudo, não o deixavam, entretanto, em paz. Estendiam, constantemente, cordas no corredor, nas quais, quando estava escuro, tropeçava; e uma vez, em que se encontrava vestido de Judeu Errante, deu um grande trambolhão, pois os gémeos haviam esfregado manteiga nos degraus da escada. Esta última afronta pô-lo em tamanha fúria que resolveu fazer um

derradeiro esforço para restabelecer a sua dignidade e a sua posição social.



Decidiu, pois, uma visita, na noite seguinte, aos juvenis e insolentes colegiais de Eton, no seu famoso disfarce de Conde-sem-Cabeça. O fantasma já não fazia aparição alguma mascarado desta maneira há mais de setenta anos, precisamente desde que, assim vestido, aterrorizara a gentil Lady Barbara Modish a ponto de ela ter rompido bruscamente as promessas de noivado com o avô do atual Lord Canterville e fugido para a Escócia

com o belo Jack Castleton, declarando que nada neste mundo a faria entrar numa família que deixava um tão horrível fantasma percorrer o terraço, ao cair o crepúsculo. Mais tarde, o pobre Jack foi morto em duelo por Lord Canterville em Wandsworth Common, e Lady Barbara, com o coração despedaçado, morreu em Tunbridge Wells, antes de findar aquele mesmo ano; de sorte que, em todos os aspetos, fora um esplêndido êxito. Todavia, tratava-se de uma

composição extremamente difícil (se me é permitido usar esta expressão de teatro a propósito de um dos maiores mistérios do sobrenatural, ou, para empregar um termo científico, do mundo supranormal), e foram necessárias precisamente três horas para executar os preparativos. Tudo se aprontou, finalmente. Estava muitíssimo satisfeito com o seu aspeto. As altas botas de montar que condiziam com o traje eram um pouco grandes de mais para ele, e não tinha podido

achar senão uma das pistolas dos coldres da sela; mas, em suma, estava muito contente, e, à uma hora e um quarto, deslizou através do forro de madeira e desceu suavemente para o corredor. Chegando ao quarto que os gémeos ocupavam (chamavam-no quarto azul, por causa do tom das paredes), encontrou a porta entreaberta. Querendo fazer uma entrada de pleno efeito, empurrou bruscamente a porta, mas o conteúdo de um grande jarro entornou-se em cima

dele e o próprio jarro, ao cair, roçou-lhe pelo ombro esquerdo. No mesmo instante, risadas que alguém procurava reprimir subiram dos leitos. O abalo nervoso que experimentou foi tamanho que desatou a fugir para o seu esconderijo com a maior rapidez. No dia seguinte, muitíssimo resfriado, teve de conservar-se na cama. A única consolação que lhe restava era a de não ter levado a sua própria cabeça nesta expedição; de contrário, a imprudência poder-lhe-

ia ter acarretado as mais graves
consequências.



O fantasma abandonou, então, toda a esperança de assustar aquela grosseira família americana e contentou-se, por fim, em percorrer os corredores com chinelos de solas de feltro, o pescoço envolto num espesso lenço vermelho, em virtude das correntes de ar, e empunhando um bacamarte com receio de ser atacado pelos gémeos. Foi a 19 de setembro que recebeu o golpe final. O fantasma tinha descido ao vasto

hall de entrada, certo de que aí ninguém o molestaria, e divertia-se a alvejar, com observações satíricas, as grandes fotografias do diplomata e da sua mulher, assinadas por Saroni, que haviam substituído os retratos da família dos Cantervilles. Encontrava-se vestido com um longo lençol, muito simples, mas decente, salpicado de manchas de lama vinda do cemitério. Atara os queixos com uma ligadura de tela amarelada e segurava uma lanternazinha e uma enxada de

coveiro. Numa palavra, estava disfarçado para o papel de Jonas, o Desenterrado, uma das suas mais notáveis criações, da qual os Cantervilles tinham excelentes razões para se lamentar, porque fora essa a verdadeira origem da desavença com o seu vizinho, Lord Rufford.



Eram aproximadamente duas horas e um quarto da manhã. O fantasma poderia afirmar que todos os moradores da casa repousavam. Mas ao dirigir-se, em ar de passeio, para a biblioteca, a fim de ver se ainda restava qualquer vestígio da mancha de sangue, saltaram de súbito sobre ele, de um recanto escuro, dois vultos que agitavam ferozmente os braços por cima da cabeça e lhe berravam U-u! U-u! aos

ouvidos.

Tomado de pânico, o que em tais circunstâncias era muitíssimo natural, precipitou-se para a escadaria; porém, aí esperava-o Washington com a grande bomba de água com que se regava o jardim. Cercado de todos os lados pelos inimigos, literalmente encurralado, desapareceu no interior do enorme fogão, que, felizmente para ele, não estava aceso. Teve de abrir caminho através dos canos e das chaminés e alcançou o seu quarto num terrível

estado de sujidade, desarranjo e desespero.



Após esta aventura renunciou às expedições noturnas. Os gémeos muitas vezes se ocultaram à espera dele e, todas as noites, juncavam os corredores de cascas de nozes, coisa que aborrecia bastante os pais e os criados; mas foi tudo inútil. Era manifesto que o fantasma, ferido nos seus sentimentos, se recusava a aparecer. Em consequência, Mr. Otis retomou a sua grande obra sobre a *História do Partido Democrático*, em que trabalhava

havia uma porção de anos. Mrs. Otis organizou uma maravilhosa festa, que causou espanto em toda a região. Os rapazes dedicaram-se ao cross, ao écarté, ao póquer e a outros jogos nacionais americanos. Virginia percorreu no seu potro todos os caminhos circunvizinhos, em companhia do duque de Cheshire, que tinha vindo passar no castelo de Canterville a sua última semana de férias. Supôs-se, naturalmente, que o fantasma desaparecera dali, e Mr. Otis escreveu a Lord Canterville

para informá-lo do caso. Este respondeu que a notícia lhe dava grande prazer e enviou os seus cumprimentos à digna esposa do embaixador.

Mas os Otis enganaram-se, porque o fantasma permanecia ainda na casa e, embora estivesse agora quase inválido, não tinha de forma alguma a intenção de ficar quieto, sobretudo desde que soube que, entre os convidados, se encontrava o duquezinho de Cheshire, cujo tio-avô, Lord Francis

Stilton, apostara um dia cem guinéus em como jogaria dados com o fantasma de Canterville, vindo a ser encontrado, na manhã seguinte, estendido no chão da sala de jogo e completamente paralítico. Não obstante ter vivido até idade avançada, nunca mais pôde dizer senão isto: «Sena - Ás!» A história era bem conhecida na época em que sucedera o caso; mas, para poupar o sentimento de duas famílias nobres, tudo foi tentado para ocultar o fato. Todavia,

encontrar-se-á uma narrativa pormenorizada a respeito do caso no terceiro volume da obra de Lord Tattle: *Memórias Relativas ao Príncipe Regente e seus Amigos*. Era conseqüentemente natural que Sir Simon quisesse provar que não tinha perdido a influência sobre os Stilton, aos quais o unia um parentesco afastado, devido a uma sua prima-irmã ter casado em segundas núpcias com o senhor de Bulkeley, de quem os duques de Cheshire, como se sabe, descendem

em linha direta. Assim, tomou as suas disposições para aparecer ao jovem enamorado de Virginia na sua célebre criação do Monge Vampiro, ou o Benedictino Exangue, espetáculo tão horrível que quando a velha Lady Startup o viu, coisa que lhe sucedeu nessa fatal véspera do ano de 1764, desatou nos mais dilacerantes gritos, que terminaram por um ataque de apoplexia; morreu três dias depois, não sem ter deserddado os parentes, os quais eram os seus parentes mais

próximos, e deixando todo o dinheiro que possuía ao seu boticário de Londres.

Mas, à última hora, o terror que lhe davam os gémeos impediu o fantasma de abandonar o seu quarto. E, na câmara real, o duquezinho dormia em paz, no vasto leito de baldaquino ornado de plumas, e sonhava com Virginia.

V

Passados uns dias, andavam

Virginia e o seu apaixonado de cabelos encaracolados a percorrer a cavalo as pradarias de Brockley; foi quando a jovenzinha, ao sentir-se presa numa sebe, rasgou o vestido de amazona tão desastradamente que, ao reentrar em casa, decidiu tomar a escada secreta para que ninguém a visse. Porém, ao passar a correr diante da sala das tapeçarias, cuja porta precisamente estava aberta, julgou perceber a existência de alguém no interior. Pensando que seria a criada de quarto da mãe,

a qual, às vezes, levava para lá a costura, entrou para pedir à mulher que lhe consertasse a saia. E, com imensa surpresa sua, Virginia viu o fantasma de Canterville em pessoa! Estava sentado junto da janela, contemplando o ouro das árvores amarelentas, vendo as folhas rubras rodopiarem como loucas na grande alameda. Tinha a cabeça apoiada na mão e toda a sua atitude traía uma depressão extrema. Na verdade, ele apresentava um ar tão desolado e tão lamentável que a pequena

Virginia, cuja primeira ideia foi fugir e fechar-se no quarto, tomada logo de piedade, resolveu tentar reconfortá-lo. Os passos de Virginia eram tão leves e a melancolia do fantasma tão profunda que este não teve consciência da presença da jovem senão quando ela lhe dirigiu a palavra.



— Lamento o que lhe tem

acontecido — disse Virginia —, mas os meus irmãos voltam amanhã para Eton e, se o senhor se portar bem, ninguém o atormentará.

— Pedirem-me que me porte bem! Mas é absurdo! — respondeu ele com os olhos escancarados de espanto à vista daquela gentil juvenzinha que ousava dirigir-se a ele. — É completamente absurdo! É imprescindível que eu faça ranger os meus grilhões e que ulule pelos buracos das fechaduras e que passeie por aí de noite, se é a isto

que a menina faz alusão. Essa é a minha única razão de existir.

— Isso não é uma razão de existência, e o senhor bem sabe que tem sido muito mau. Mrs. Umney disse-nos, no dia da nossa chegada aqui, que o senhor matou a sua mulher.

— Bem, concordo — disse com vivacidade o fantasma —, mas trata-se de um assunto de família e as pessoas nada têm com isso.

— É muito mau matar alguém — insistiu Virginia, que, às vezes,

mostrava uma encantadora expressão de gravidade puritana, herdada de qualquer antepassado da Nova Inglaterra.

— Olhe, detesto esse corriqueiro rigor da ética abstrata! A minha mulher era feia, nunca engomava convenientemente a minha gola de pregas e não sabia nada de cozinha. Olhe, eu tinha matado um veado nos bosques de Hogley, um veadozinho magnífico. Quer saber como ela o fez aparecer na mesa? Mas que importa o caso,

presentemente?! Tudo isso acabou. Não creio, porém, que fosse muito bonito da parte dos seus irmãos fazerem-me morrer de fome, embora eu a tenha matado.

— Fazê-lo morrer de fome? Oh, senhor fantasma... quero dizer, Sir Simon... o senhor tem fome? Trago uma sanduíche comigo. Quer?

— Não, obrigado, já não como agora. Mas é, apesar de tudo, muita amabilidade da sua parte. A menina é muito mais gentil do que o resto da sua família horrível, grosseira,

indigna!

— Cale-se! — bradou Virginia batendo com o pé no chão.—Quem é grosseiro, horrível e vulgar, é o senhor; e, quanto à indignidade, sabe perfeitamente que foi o senhor quem roubou os tubos da minha caixa de pintura para tentar avivar essa ridícula mancha de sangue na biblioteca. Primeiramente, pegou todos os meus vermelhos, sem esquecer o vermelhão, e eu tive de deixar de pintar o pôr do sol; depois, arrebatou o verde e o amarelo

cromado; e, finalmente, só me restou o índigo e o branco-da-china, de modo que eu só podia pintar paisagens à luz do luar, que deprimem tanto quando a gente as olha e não são nada fáceis de fazer. Eu nunca disse fosse o que fosse contra o senhor; contudo andava muito aborrecida e tudo aquilo era bastante ridículo. Já se viu sangue de tom verde-esmeralda?

— Mas — disse o fantasma acalmando-se um pouco — que posso eu fazer? Nestes nossos dias, é

muito difícil encontrar sangue verdadeiro e, visto que foi o seu irmão a irromper com o tira-nódoas, não vejo motivo para não lançar mão dos tubos que lhe pertencem. Quanto à cor, é simples questão de gosto: os Cantervilles, por exemplo, têm sangue azul, o mais azulado da Inglaterra, mas sei que vocês, os americanos, troçam deveras de tudo isto.

— O senhor não sabe nada a esse respeito, e o melhor que tem a fazer é emigrar, para cultivar o espírito. O

meu pai não deixará de sentir-se muitíssimo feliz em lhe conseguir uma passagem gratuita. O senhor não encontrará dificuldade alguma, na alfândega, onde todos os funcionários são democratas. Uma vez em Nova Iorque, alcançará o maior dos êxitos. Conheço muita gente que daria cem mil dólares para ter um antepassado, e ainda mais para ter um fantasma na família.

— Estou certo de que não gostaria da América.

— Porque, suponho, não temos lá

ruínas, nem curiosidades — disse Virginia ironicamente.

— Nem ruínas! Nem curiosidades! — replicou o fantasma. — Mas têm a sua marinha de guerra e essas suas maneiras!

— Adeus! Vou pedir ao meu pai que conceda aos gémeos uma semana suplementar de férias.

— Não, não vá, Miss Virginia! — exclamou o fantasma. — Estou tão só e tão desgraçado que não sei verdadeiramente o que fazer. Quero dormir e não posso.

— Mas isso é absurdo! Basta deitar-se e soprar a vela. Às vezes, é difícil a gente manter-se acordada, na igreja sobretudo, mas dormir é coisa bem fácil. Até os próprios bebês o sabem, e, todavia, não são muito inteligentes.

— Há trezentos anos que não durmo — disse ele com tristeza (os belos olhos azuis de Virginia dilataram-se de espanto). — Há trezentos anos que não durmo, e estou tão cansado!

O rosto de Virginia tornou-se

grave e os labiozinhos puseram-se a tremer como pétalas de rosa. Aproximou-se do espectro e, ajoelhando-se junto dele, ergueu os olhos para a velha face enrugada.

— Pobre, pobre fantasma! — murmurou.—Não há então local onde possa dormir?

— Lá em baixo, para lá do pinheiral — respondeu ele numa voz lenta e meditativa — há um jardinzinho. A erva, ali, é espessa e alta, salpicada das grandes estrelas brancas e toda a noite cantam

rouxinóis. A fria lua de cristal
reclina-se para ver melhor, e o
cipreste estende os seus braços
gigantescos sobre os que dormem.

Os olhos de Virginia velaram-se
de lágrimas e escondeu o rosto nas
mãos.

— Fala do cemitério, bem sei —
murmurou.

— Sim, do jardim da morte! A
morte deve ser tão bela! Repousar
na terra doce e escura, tendo as
ervas a ondular por cima de nós, e
escutar o silêncio! Não ter ontem,

nem amanhã! Esquecer tempo!
Esquecer a vida, estar em paz!
Talvez possa ajudar-me, abrir para
mim as portas da casa da morte,
porque o amor, mais forte do esta,
vive em si, Miss Otis.

Virginia estremeceu; percorreu-a
toda um calafrio; durante
momentos, fez-se silêncio. Tinha a
impressão de estar a ter um terrível
sonho. O fantasma voltou então a
falar, e a voz dele parecia um suspiro
do vento.

— Já alguma vez leu a velha

profecia inscrita nos vitrais da biblioteca?

— Oh, muitas vezes! — exclamou a Virginia, erguendo os olhos para o seu interlocutor. — Conheço-a muito bem. Está pintada em curiosas letras negras e é difícil de ler. São apenas seis versos:

*Quando uma criança de coração puro
conseguir*

*Tirar dos lábios pecaminosos uma
prece,*

*Quando a estéril amendoeira florescer,
Quando dos olhos puros brotar uma*

lágrima,

*Esta casa ficará para todo o sempre
tranquila,*

A paz voltará a Canterville.

— Mas não sei o que isto quer
dizer.

— Isto quer dizer — respondeu
ele tristemente — que a menina
deve chorar comigo pelos meus
pecados, porque eu já não tenho
lágrimas, e rezar comigo pela minha
alma, porque nada me resta de fé.
Então, se tiver sido sempre meiga e
boa, o anjo da morte terá piedade de

mim. Há de ver, na escuridão, vultos horríveis; vozes maldosas falar-lhe-ão ao ouvido, mas não sofrerá mal algum porque o inferno nada pode contra a pureza de uma criança.

Virginia não respondeu e o fantasma torceu as mãos com desespero, baixando o olhar sobre a cabeça coroada de cabelos de ouro reclinada perto dele. A jovem ergueu-se de súbito, muito pálida. Um estranho clarão perpassou pelo seu olhar.

— Não tenho medo — disse ela

com firmeza. — Rogarei ao anjo que tenha piedade de si.

O fantasma endireitou o busto, ao mesmo tempo em que soltava um débil grito de alegria, e, inclinándose, com uma gentileza já há muito fora de moda, pegou na mão da juvenzinha e beijou-a. Os dedos de Sir Simon tinham a frieza do gelo e os seus lábios queimavam como fogo, mas Virginia não sentiu o menor desfalecimento, enquanto ele a fazia atravessar o compartimento cheio de sombras. Bordadas nas

tapeçarias, cujo tom verde fora desbotando, viam-se figurinhas de caçadores. Estes sopraram nas suas trompas ornadas de glandes e, com as minúsculas mãos, fizeram-lhe sinal para que fugisse. — Volta para trás, Virginiuzinha — gritavam eles! Mas o fantasma apertava-lhe a mão com mais força e Virginia fechou os olhos para não os ver. Horrorosos animais de caudas semelhantes às dos lagartos, olhos salientes da cabeça, pestanejavam-lhe repetidamente, de cima da chaminé

esculpida, e murmuravam: — Toma cuidado, Virgíniazinha, toma cuidado! Mas, o fantasma deslizou com mais celeridade e Virgínia não deu ouvidos àqueles. Ao atingirem a extremidade da sala, o fantasma parou e murmurou umas palavras que Virgínia não pôde compreender. Ela abriu os olhos e viu a parede desaparecer lentamente como um nevoeiro, após o que se encontrou diante de uma grande caverna negra. Envolveu-os um vento áspero e frio e a jovem

sentiu que a puxavam pela saia.

— Depressa! Depressa! — gritou o fantasma. — Senão será demasiado tarde.

Num instante, o forro de madeira tomou a cerrar-se por detrás deles. A sala das tapeçarias ficara vazia.



VI

Daí a dez minutos, a sineta tocou para o chá e, como Virginia não descesse, Mrs. Otis mandou um dos criados chamá-la. Passado um momento, este regressou para dizer que não tinha encontrado Miss Virginia em parte alguma. Como a jovem adquirira o costume de ir todas as tardes colher flores para o jantar, Mrs. Otis não se inquietou; mas ao baterem as seis horas, sem que a filha tivesse aparecido,

começou a alarmar-se e mandou os filhos à sua procura, ao mesmo tempo em que ela própria e Mr. Otis percorriam a casa de ponta a ponta. As seis e meia, os rapazes estavam de volta sem terem encontrado mais pequeno vestígio de sua irmã. Todos se encontravam agora na maior agitação e não sabiam o que fazer. Mr. Otis lembrou-se então de repente que, uns dias antes, dera licença a um bando de ciganos para acamparem nas proximidades. Imediatamente, partiu para

Blackfell Hollow, onde que os ciganos deviam estar agora. Acompanhavam-no o filho mais velho e dois criados. O duquezinho de Cheshire, doido de ansiedade, insistiu veementemente em juntar-se a eles, mas Mr. Otis opôs-se, temendo desacatos. Porém, ao chegarem ao lugar, descobriram que os ciganos haviam desaparecido. O lume, que ardia ainda, e alguns pratos dispersos pelo solo denunciavam claramente uma retirada repentina. Depois de ter

ordenado a Washington e aos dois homens que explorassem as vizinhanças, Mr. Otis regressou a toda pressa e enviou telegramas para todos os inspetores de polícia do condado, pedindo-lhes que procurassem uma menina que fora raptada por vagabundos ou ciganos. Em seguida, mandou que lhe selassem o cavalo, intimou a esposa e os três rapazes a tomarem o seu jantar e, acompanhado de um laçai, dirigiu-se para Ascot. Mas, mal percorrerá duas milhas, ouviu atrás

de si um galope. Voltando-se, descortinou o duquezinho, que vinha montado no seu potro, o rosto muito afoagueado e cabelos ao vento.



— Lamento muito — disse o rapaz numa voz ofegante — mas não

conseguirei jantar enquanto Virginia não for encontrada. Peço-lhe que não se zangue. Se o senhor tivesse consentido, o ano passado, no nosso ajuste de casamento, nada disto teria sucedido. Não vai me mandar para trás, não é verdade?! Eu não quero ir para casa! Não quero ir para casa!

O diplomata não pôde deixar de sorrir perante aquele encantador doidivas e sentiu-se muito tocado com a devoção dele por Virginia. Inclinando-se sobre o cavalo, deu

uma palmada no ombro do rapaz e disse:

— Pois bem, Cecil, se não quer ir para casa, tenho de levá-lo comigo, suponho. Comprar-lhe-ei um chapéu em Ascot.

— O chapéu que vá para o diabo! Da Virginia é que eu preciso! — exclamou, rindo, o duquezinho.

Galoparam até à estação de caminho de ferro, onde Mr. Otis perguntou se não tinha sido vista ali, na plataforma, qualquer pessoa correspondendo aos sinais de

Virginia, mas não conseguiu obter qualquer indicação. Contudo, o chefe da estação telegrafou para todas as outras estações da linha e prometeu fazer exercer por toda parte uma severa vigilância.

Depois de ter comprado um chapéu para seu companheiro a um comerciante de novidades, que ia precisamente naquele momento fechar a sua loja, Mr. Otis dirigiu-se para Brockley, aldeia a quatro milhas dali, a qual, segundo lhe haviam dito, era local de encontro

dos ciganos, por lá haver uma comunidade. Chegando a esse lugar, Mr. Otis e o duquezinho acordaram o guarda-rural, mas não conseguiram extrair dele a menor informação e, após terem percorrido o prado inteiro, retomaram o caminho de casa e chegaram ao castelo de Canterville cerca de onze horas da noite, completamente esgotados e desesperados. Washington e os gémeos esperavam-nos ao portão com lanternas, porque a alameda estava

muito escura. Não se conseguira descobrir o mais leve rasto de Virginia. Os ciganos tinham-se concentrado nas pradarias de Brockley, mas a jovem não se encontrava entre eles. Uma confusão de datas explicava a sua brusca partida: a feira de Chorton, que se realizava mais cedo do que eles pensavam, obrigara-os a mover-se a toda pressa. A verdade é que até eles tinham ficado consternados ao saber do desaparecimento de Virginia, porque tinham grande

reconhecimento a Mr. Otis por estes ter permitido acampar na sua propriedade, e quatro companheiros do bando haviam ficado para trás a fim de colaborar nas pesquisas. O tanque das carpas fora esvaziado e toda a propriedade fora batida de ponta a ponta, mas sem resultado. Era forçoso renderem-se à evidência: pelo menos nessa noite, Virginia estava perdida para eles; e, profundamente abatidos, Mr. Otis e os rapazes dirigiram-se para casa seguidos do

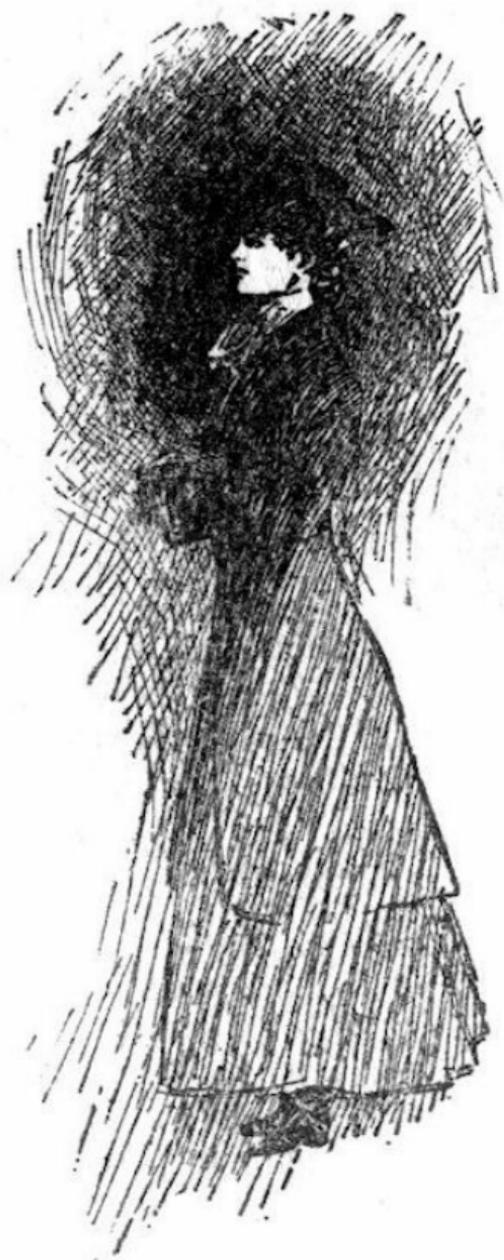
lacaio, o qual conduzia à mão os dois cavalos e o potro. Encontraram no átrio um grupo de criados cheios de medo. A pobre Mrs. Otis estava estendida num divã da biblioteca, semilouca de inquietação e de pavor; a velha governanta banhava-lhe a fronte com água-de-colónia. Mr. Otis insistiu imediatamente com ela para que ingerisse qualquer alimento e mandou servir o jantar para todos.

Foi uma refeição bem triste, em que quase não se proferiu palavra.

Os próprios gêmeos estavam aterrados, chocados, porque adoravam a irmã. No fim do jantar, Mr. Otis, não obstante os rogos do duquezinho, ordenou que todos se deitassem, dizendo que nenhuma outra coisa poderia ser feita naquela noite e que, no dia seguinte de manhã, telegrafaria à Scotland Yard para lhe serem enviados imediatamente alguns agentes. Precisamente no instante em que saíam da sala de jantar, soava a meia-noite no relógio da torre e,

quando retiniu a décima segunda badalada, ouviram todos um enorme estrondo, seguido de um grito penetrante. Um formidável trovão abalou a casa, os acordes de uma harmonia irreal flutuaram no espaço, no alto da escadaria abriu-se uma das almofadas da parede e, no patamar, apareceu Virginia, muito pálida, com um cofrezinho na mão. Foi num rápido instante que todos se precipitaram para ela. Mrs. Otis abraçou-a apaixonadamente, o duque afagou-a com a violência dos

seus beijos, e os gémeos executaram em torno do grupo uma dança guerreira.



— Deus do Céu, filha, onde estiveste? — perguntou Mr. Otis numa voz bastante irritada, a pensar que a filha lhes tinha pregado uma partida. — Cecil e eu cavalgámos toda a região à tua procura e tua mãe esteve prestes a morrer de angústia. Nunca mais faças este tipo de brincadeiras.

— Exceto contra o fantasma! Exceto contra o fantasma! — bradaram os gémeos entre mil

piruetas.

— Minha querida, graças a Deus tenho-te aqui! Nunca mais te deixarei sair de ao pé de mim — murmurou Mrs. Otis, enlaçando a criança e acariciando-lhe os cabelos

— Papá — disse Virginia num tom calmo — eu estava com o fantasma. Ele morreu. Podem ir vê-lo. Era muito mau, mas arrependeu-se verdadeiramente do que fez e, antes de morrer, deu-me este cofrezinho com maravilhosas joias.

Toda a família a fitava, os olhos

escancarados de surpresa, mas ela permanecia grave e séria; desviando-se, guiou-os através de uma abertura no forro de madeira das paredes até um estreito corredor secreto. Washington seguia-os empunhando uma vela que havia tirado de cima da mesa. Chegaram, por fim, a uma grande porta de carvalho, ornada de pregos cheios de ferrugem. Quando Virginia a tocou, a porta girou nas dobradiças, e encontraram-se todos numa salinha baixa, de teto de abóbada e

com apenas uma minúscula janela gradeada. Uma enorme argola de ferro estava cravada na parede e, preso na argola, via-se um grande esqueleto estendido de comprido no chão de pedra, parecendo tentar agarrar uma escudela velha e uma bilha colocada fora do seu alcance. A bilha devia ter contido outrora água, porque se mostrava por dentro coberta de bolor. Na escudela não existia senão uma camada de pó. Virginia ajoelhou-se junto do esqueleto e, juntando as delicadas

mãos, pôs-se a rezar em silêncio, enquanto o resto da família contemplava com espanto a horrível tragédia, cujo segredo lhes era assim revelado.



— Olhem! — gritou de repente um dos gémeos, o qual se dependurara na janela para observar em que ala da edificação se

situava aquele quarto. — Olhem! A velha amendoeira toda sequinha está em flor. Veem-se muito bem as flores, ao luar.

— Deus perdoou-lhe — proferiu gravemente Virginia, erguendo-se; e uma luz maravilhosa parecia banhar-lhe o rosto.

— Você é um anjo! — exclamou o duquezinho, que lhe lançou um braço em volta do pescoço, estreitando-a contra si.



Quatro dias após estes curiosos acontecimentos, um séquito fúnebre deixava o castelo de Canterville por volta das onze horas da noite. Oito cavalos negros puxavam o carro funerário acima e sobre as cabeças

deles agitavam-se grandes penachos de plumas de avestruz. Um sumptuoso pano cor de púrpura, ornado com as armas dos Cantervilles bordadas em ouro, cobria o caixão de chumbo. Junto do carro, marchavam os criados empunhando tochas, e todo o cortejo assumia singular imponentia. Lord Canterville dirigia o enterro. Tinha vindo expressamente do País de Gales para assistir à cerimónia e ocupava a primeira carruagem, acompanhado

da jovem Virginia. A seguir iam o embaixador americano e a esposa, depois Washington e os três rapazes, e, por fim, na carruagem da cauda, Mrs. Umney. Partiu-se da convicção de que a governanta, que durante mais de cinquenta anos havia sido apoquentada pelo fantasma, tinha o direito de vê-lo desaparecer para sempre. Fora escavada, num canto do cemitério, uma profunda sepultura, precisamente sob a rama do velho teixo, e as preces foram proferidas pelo reverendo Augustus

Dampier da maneira mais impressionante. Ao terminar a cerimónia, os criados, conforme um costume tradicional na família Canterville, apagaram as tochas e, no momento de se fazer descer o caixão à sepultura, Virginia avançou e depôs sobre ele uma grande cruz tecida de rosas e flores de amendoeira. Simultaneamente, a Lua surgiu de trás de uma nuvem e, com as suas ondas silenciosas e argênteas, iluminou o pequeno cemitério; e do recesso de uma

moita, à distância, subiu o canto de um rouxinol. A rapariga recordou a descrição que o fantasma fizera do jardim da morte. Lágrimas velaram-lhe os olhos e mal articulou palavra durante o caminho de regresso.

No dia seguinte de manhã, antes que Lord Canterville partisse para Londres, Mr. Otis conferenciou com ele a respeito das joias dadas a Virginia pelo fantasma. Eram de notável magnificência, em especial certo colar de rubis com um engaste veneziano, admirável trabalho do

século XVI, e o valor delas todas era tal que Mr. Otis sentia grandes escrúpulos em consentir que a filha as aceitasse.

— Lord Canterville — disse o embaixador — eu sei que neste país os bens mobiliários, tal como as terras, se transmitem na família, pelo que me parece evidente que estas joias de família lhe pertencem. Devo, pois, pedir-lhe que as leve consigo para Londres e que as considere simplesmente como uma parte da sua herança, agora

restituída em inesperadas circunstâncias. Quanto à minha filha, ela é ainda uma criança e (sinto-me feliz em dizê-lo) não presta mais do que medíocre interesse a esses vão acessórios de luxo. Além disso, a minha mulher, que, ousado afirmá-lo, é em matéria de arte uma autoridade, com a qual é necessário contar — ela gozou do privilégio de passar muitos invernos em Boston quando ainda era solteira — comunicou-me terem essas joias elevado valor monetário. Postas à

venda, atingiriam um altíssimo preço. Nestas condições, Lord Canterville, estou certo de que compreenderá não poder eu permitir a nenhum membro da minha família conservá-las na sua posse. E, em boa verdade, todos esses frívolos adornos, por mais adequados ou indispensáveis que sejam à dignidade da aristocracia inglesa, estariam absolutamente deslocados entre pessoas educadas nos princípios severos e, suponho, imortais da simplicidade

republicana. Talvez me seja lícito acrescentar que Virginia deseja vivamente que o senhor a autorize a guardar para ela o cofrezinho, a título de recordação dos desvarios e dos infortúnios desse seu antepassado. Visto que o cofre se acha muito velho e muito estragado, talvez o senhor julgue razoável deferir este pedido. Pela minha parte, confesso estar bastante surpreso ao ver um dos meus filhos exprimir simpatia pelas coisas medievais, seja sob qual aspeto for, e

não posso explicar isto a mim próprio senão pelo facto de Virginia ter nascido nos subúrbios de Londres, quando a minha mulher andava em viagem pela Europa.

Lord Canterville escutou com muita gravidade o discurso do digno embaixador, repuxando de quando em quando as pontas do seu bigode grisalho para dissimular um sorriso involuntário; e quando Mr. Otis acabou de falar, apertou-lhe a mão e disse:

—Meu caro senhor, a sua

encantadora filhinha prestou a Simon, meu infeliz antepassado, um serviço de importância, e eu e a minha família devemos muito à maravilhosa coragem dela. Está claro que as joias lhe pertencem; e, por minha fé, creio que se eu tivesse tão pouco coração que lhas tirasse, o velho sairia, antes de quinze dias decorridos, do seu túmulo e causar-me-ia uma vida de inferno. Quanto a serem bens inalienáveis, tal só seria possível se figurassem num testamento ou em documento legal,

e a existência dessas joias era-me completamente desconhecida. Asseguro-lhe que não tenho mais direitos sobre elas do que, por exemplo, o seu mordomo, e, ousou dizê-lo, quando Miss Virginia for crescida desvanecer-se-á ao usar esses lindos objetos. O senhor esquece também, Mr. Otis, que comprou em conjunto a propriedade e o fantasma, e que tudo o que pertencia ao fantasma passou, implícita e imediatamente, para a sua posse, pois, por maior

atividade de que Sir Simon tenha dado sinal durante a noite, nos corredores da casa, ele estava verdadeiramente morto, sob, o ponto de vista jurídico, e a aquisição feita pelo senhor tornou-o possuidor dos bens dele.

Mr. Otis, inconformado com a recusa de Lord Canterville, suplicou-lhe que reconsiderasse a sua decisão, mas o excelentíssimo membro da Câmara dos Lordes inglesa permaneceu firme e acabou por persuadir o embaixador a que

consentisse à filha guardar o presente do fantasma. E quando na primavera de 1890 a jovem duquesa de Cheshire foi, por ocasião do seu casamento, apresentada à rainha, as joias que ostentava tornaram-se tema de admiração geral. Virginia recebeu a coroa, que é a recompensa de todas as boas meninas americanas, e desposou aquele que a amava desde a infância, logo que ele atingiu a idade conveniente. Eram ambos tão sedutores e amavam-se tanto que esta união encantava todo

o mundo, exceto a velha marquesa de Dumbleton, que havia tentado apoderar-se do duque para uma das suas sete filhas ainda solteiras e que, com esse desígnio, dera nada menos do que três dispendiosos jantares; e, se bem que isto possa parecer estranho, o embaixador sentia pelo duquezinho uma grande afeição, embora, em teoria, não gostasse de títulos de nobreza e, para empregar mesmo palavras suas, «temia que, por influência das mordomias da aristocracia, os verdadeiros

princípios da simplicidade republicana fossem esquecidos». Mas essas objeções foram esquecidas, e creio bem que, ao avançar, com a filha pelo braço, na nave da Igreja de S. Jorge, não havia, nesse instante, homem mais orgulhoso do que ele na Inglaterra inteira.



Após a sua lua-de-mel, o duque e a duquesa voltaram ao castelo de Canterville; e no dia seguinte ao da chegada foram, à tarde, passear até o cemitério solitário. A escolha da inscrição para a lápide de Sir Simon tinha levantado muitas dificuldades, mas fora finalmente decidido mandar gravar nela as simples iniciais do velho aristocrata e os versos existentes na biblioteca. A duquesa havia levado consigo umas rosas adoráveis, que espalhou sobre

a sepultura; e depois de se conservarem em recolhimento bastantes minutos, os jovens foram, sempre passeando, até ao santuário em ruínas da velha abadia. Sentou-se, então, a duquesa numa coluna que estava caída por terra enquanto o marido, estendido a seus pés, fumava um cigarro, tendo o olhar fixo nos belos olhos da jovem. De súbito, arremessando para longe o cigarro, pegou-lhe na mão e disse:

— Virginia, uma mulher não deve ter segredos para seu marido.

— Querido Cecil, não tenho segredos para ti.

— Tens, sim; — replicou ele sorrindo — nunca me disseste o que aconteceu quando estiveste encerrada com o fantasma.

— Nunca o disse a ninguém — respondeu Virginia com ar grave.

— Sei disso, mas podia dizer-mo a mim.

— Não me peças isso, Cecil; não te posso dizer. Pobre Sir Simon! Devo-lhe muito. É verdade; não rias, Cecil. Mostrou-me o que é a

vida, o que significa a morte e por que razão o amor é mais forte do que a vida e a morte.

O duque, pondo-se de pé, abraçou a mulher com ternura.

— Podes guardar o teu segredo por tanto tempo quanto eu conservarei o teu coração — murmurou.

— Ele sempre te pertencerá, Cecil.

— Mas um dia contarás aos nossos filhos, não é verdade?

Virginia ficou ruborizada.